Isto é para todas as mulheres que já voltaram para casa
com as chaves entre os dedos.

E para a minha mãe, que sempre me ensinou
o que é ser uma mulher forte.

«Quando somos atacados sem motivo, devemos revidar com força;
tenho a certeza de que devemos — com tanta força que a pessoa
que nos atacou nunca mais o volte a fazer.»

— JANE EYRE

«Parece que sou capaz de tudo quando estou enraivecida.
Fico tão cruel que poderia magoar alguém e gostar de o fazer.»

— MULHERZINHAS

PRÓLOGO

UM APARTAMENTO, BELGRAVIA, LONDRES, AGORA

Antes de tudo isto, achava que tirar a vida a alguém seria fácil. Bastava pressionar a garganta com força suficiente e desmaiavam, como um gatinho que adormece de repente.

Afinal, não é nada disso.

Quando alguém que não *quer* morrer percebe que *vai* morrer, luta.

Cum caraças, luta a sério. É impressionante ver como até os piores monstros deste mundo se agarram à vida com unhas e dentes. Será que têm medo do que vem a seguir? Conseguem sentir o calor do Inferno a aquecer-lhes a cara?

O monstro com quem estou agora, por exemplo. Ainda não percebeu que resistir é inútil. Está algemado à cama. A coisa mais fácil para ele seria aceitar. Mas não, continua a contorcer-se, a debater-se, a magoar-se ainda mais.

Dou mais um puxão forte na meia-calça que lhe envolvi à volta do pescoço e vejo os seus olhos arregalarem-se e contorcerem-se, como se tentassem escapar-lhe da cabeça. Gosto muito destas meias, têm cristais na costura de trás, o que proporciona uma aderência excelente. Depois, os olhos dele rebentam, e o branco dá lugar a um vermelho intenso.

Adoro quando isto acontece.

Os olhos vermelhos, os lábios azulados, a pele a ficar amarelada. Oh, e mais tarde, uns lindos tons de roxo, à medida que o sangue se acumula nas partes mais baixas do corpo. A paleta de cores da morte é mesmo muito bonita.

— Como te sentes? — pergunto. — Estás bem apertado? É assim que gostas, não é?

Ele tenta dizer alguma coisa, mas só saem sons guturais e abafados. Inclino-me para a frente e retiro-lhe a outra meia da boca, segurando a minha faca — uma *Shun* de 350 libras, de um belíssimo aço japonês e afiada há pouco tempo — junto à sua garganta. Quero ouvir as suas últimas palavras.

— Por favor, os meus filhos.

— Acho que sabes *exatamente* o que eles sentem por ti neste momento.

— Sua cabra de merda.

— Mas eu não te fodi, pois não? — Com isso, dou o último puxão na meia à volta do seu pescoço, cortando-lhe o ar de vez.

Outra coisa sobre a asfixia é que demora *muito mais* tempo do que se imagina. Estou aqui sentada em cima dele, a esmagar-lhe a traqueia há uns bons seis ou sete minutos e *só agora* é que ele está a perder a consciência. Penso no copo de *Montrachet* fresco que me espera na outra sala.

E então, ele fica imóvel.

Inclino-me para a frente e espreito. Por fim, parece que abandonou a sua miserável existência. Encosto o peito ao dele, deixando o ouvido passar-lhe nos lábios.

Silêncio.

Fecho-lhe as pálpebras devagar e recuo para admirar o meu trabalho. Esta é a minha parte favorita. Agora parece inocente e tranquilo, deitado nos lençóis brancos impecáveis.

Quase inocente.

Quase.

Tenho de admitir, ela tem razão. *Assim* fica mais autêntico.

Além disso, não há sangue. O sangue é um pesadelo para limpar. Nem a Sra. Hinch tem solução para isso. Uma vez, tive de queimar umas calças lindíssimas da Max Mara, num tom creme perfeito, porque simplesmente não sai.

E nada vale esse sacrifício.

1

GREENSPEARES, CHELSEA, JUNHO

Estou a dar-me ao luxo de tomar o pequeno-almoço fora. Para ser honesta, talvez «luxo» seja um exagero, já que saio quase todos os dias para fazer uma caminhada e tomar um batido como parte da minha rotina matinal. Mas, desta vez, estou mesmo a *comer* alguma coisa. São só cogumelos numa torrada. E deixei quase toda a torrada.

Estou aconchegada no meu lugar favorito: um sofá cor-de-rosa vibrante, ao fundo do estabelecimento. É o melhor sítio para observar as pessoas e fingir — durante quinze ou vinte minutos — que sou igual a elas. Tem sido o meu refúgio habitual para acalmar a alma.

Estou prestes a dar um gole generoso na minha bebida carregada de cafeína (vá lá, até anjos como eu merecem um pequeno vício), sem lactose, mas de origem ética. Respiro fundo o aroma do café moído, direto para o meu plexo solar, já a sentir as ansiedades a esconderem-se num canto da mente, quando ouço…

— Kitty! Kitty Collins? NÃO ACREDITO. É MESMO ELA.

Um guincho percorre-me o corpo, deixando-me tensa. Antes que consiga sequer levar o copo à boca, vejo duas adolescentes magras — com sobrancelhas impecáveis — a avançar na minha direção.

— Meu Deus. Isto é *inacreditável*. Podemos tirar uma *selfie* contigo? Por favor? Demora, no máximo, dois segundos.

Oh, Deus, agora não. Por favor, agora não. Levanto o olhar e vejo-as a observarem-me enquanto tento beber o café. Mas não adianta. Não consigo comer nem beber à frente dos outros.

Estou a ficar irritada, o que é perigoso. Só quero tomar uma bebida matinal com tranquilidade, sem plateia. Em vez disso, fecho a revista que (não) estava a ler e sorrio para elas. Um sorriso grande, com dentes e um brilho de alegria extra nos olhos. Só para elas.

— Claro que podem! — digo, exibindo aquele sorriso que os meus milhões (sim, milhões) de seguidores conhecem da minha versão do Instagram. O sorriso *parece* abafar um pouco o tamborilar furioso da irritação dentro da minha cabeça.

As miúdas apertam-me de ambos os lados — no sofá que é para duas pessoas — pondo os *iPhones* à nossa frente, enquanto deslizam por filtros com a destreza de um mágico. Nem preciso de olhar para saber que estão a fazer poses e beicinho, a tentar parecer *sexy*. Para elas, cada «gosto» proporciona uma descarga de dopamina. Eu entendo.

Mas tenho vontade de as sacudir.

Com força.

Não devem ter mais de catorze anos, mas com a maquilhagem que aprenderam a fazer no Youtube, parecem dez anos mais velhas. Os adolescentes já não passam por uma fase estranha? Sinto uma mistura de pena e inveja a percorrer-me a pele, como se fossem mil microagulhas. A pele delas é tão luminosa e suave que parece irreal. Tenho de me conter para não estender a mão e tocá-la.

Porque isso seria estranho.

— Encomendei aquele chá *detox* que publicaste no mês passado — diz a Rapariga Um.

Demoro um pouco a perceber que está a falar comigo. Que chá? Ela deve ter lido a confusão na minha cara — o que é uma conquista, considerando a quantidade de Botox que já me injetaram. E não, o Botox *não é* totalmente vegano, mas alguma coisa tem de ceder.

E não vai ser a minha cara.

— Fizeste um *detox*. Com *chá*! — exclama, o cabelo louro e os olhos castanhos quase passam despercebidos por causa das pestanas falsas. — Disseste que parecia uma limpeza física e espiritual. E que perdeste tipo dois quilos numa semana. — Ela suspira como se tivesse encontrado o nirvana.

Os seus olhos brilham como uns *Louboutins* envernizados, a olhar para mim da mesma forma que eu olho para a página de Novidades da Net-a-Porter.

Sinto o estômago a andar às voltas.

— Por amor de Deus, não. Não faças isso — digo. — Isso não é para miúdas tão novas como vocês. E, meu Deus, onde é que achas que tens sequer dois quilos para perder? — Talvez nas pestanas. Mas não. Não importa quanto é que os idiotas do chá *detox* estejam a pagar. *Recuso-me* a incentivar distúrbios alimentares. Não. — Sabem, água engarrafada com um bocadinho de sumo de limão é mais eficaz na limpeza intestinal.

Elas ficam a olhar para mim e começo a perguntar-me se vou ter de explicar o conceito de «limpeza intestinal», enquanto a elite da zona SW3[1] come a sua torrada com abacate à nossa volta. Mas elas estão mais interessadas no conteúdo para as redes sociais do que em mim. A Rapariga Dois, dona de umas maçãs do rosto que eu pagaria a alguém com uma seringa para ter, tira mais algumas *selfies*. Depois, pede-me que lhe tire umas fotos «espontâneas». Valha-me Deus. De repente, a Um solta um grito e agarra a Dois pelo braço.

— Temos de ir ou vamos perder as melhores bancas em Portobello — lembra. — Sabes como fica a Jynx se chegarmos atrasadas. *Muito* obrigada pelas fotos, Kitty. Foi mesmo incrível conhecer-te.

Despedem-se com um sorriso e saem porta fora. A Dois com o telemóvel erguido a gravar a caminhada para ir ter com quem quer que seja a Jynx, para o seu Insta/TikTok/Snap. Vejo-as desfilar pela rua, completamente alheias aos homens que se viram para as ver passar, com os olhos fixos nos seus quadris.

Solto um suspiro profundo. Ajudei a criar um monstro imparável.

Uma senhora mais velha, sentada ali perto, olha-me de lado. É melhor ir para casa, para longe destas pessoas.

A minha bebida está fria e deprimente agora, por isso peço outro café para levar e começo o curto caminho de regresso ao meu prédio

[1] SW3 refere-se à zona postal de Chelsea, no sudoeste de Londres. Esta área é conhecida pela sua exclusividade, ruas elegantes, e uma vida cultural ativa, sendo uma das zonas mais procuradas da cidade. [*N. da T.*]

no Chelsea Embankment. O meu telemóvel toca com uma notificação do Instagram a dizer que fui identificada numa publicação.

«Encontrámos esta deusa deslumbrante no #*greenspears*. É tão linda. #*KittyCollins* #*Chelsea* #*TãoQuerida*»

Outras notificações chegam logo a seguir, à medida que os seguidores das raparigas — que se chamam Eden e Persia, *claro* — respondem.

«MEU-DEUS-DO-CÉU»

«Ah! Que sorte a tuuuuuuua!!!!!!»

«Ela foi supersimpática????»

«A que é que ela cheira?»

Desligo o telemóvel.

Isto é de um tédio insuportável.

2

APARTAMENTO DA KITTY, CHELSEA

Quando chego ao meu prédio, já caminhei o suficiente para me pôr num estado de espírito feroz. Dói-me cada osso, enquanto os meus saltos ecoam um clique-claque pelo chão de mármore caro, e esforço-me por sorrir ao porteiro de serviço. Tenho de o fazer, faz parte da minha «marca». Ninguém quer seguir uma cabra mimada e mal-humorada no Instagram. Felizmente, hoje é o Rehan que está de serviço, um dos meus favoritos. Levanta-se para me cumprimentar.

— Senta-te, Rehan — digo, a fingir que o repreendo. — Até parece que sou a rainha.

Ele abre um sorriso enorme.

— Talvez não, mas para mim é a princesa na torre que eu tenho de proteger.

Rio e reviro os olhos. Nada feminista, mas ele gosta. E preciso que ele goste de mim.

— Parece que vai ser um belo dia. — Ele espreita por cima do meu ombro e semicerra os olhos para o sol, que já faz sentir um calor desconfortável apesar de ainda não serem dez da manhã. Não partilho do seu entusiasmo com esta onda de calor, que só me deixa irritadiça e suada. Já sinto a *T-shirt* a colar-se às axilas e quem me dera ter pedido algo com gelo no café.

Aceno com a cabeça.

— Maravilhoso.

O Rehan chama o elevador para mim e eu entro.

— Claro que *é* a luz mais brilhante por aqui, Menina Kitty.

A porta fecha-se, deixando-o do outro lado. Deixo o sorriso falso desaparecer e massajo as bochechas, aliviada. Porque é que sair para tomar um café dá tanto *trabalho*?

O elevador leva-me até ao meu apartamento na cobertura. Sim, soa a menina mimada e privilegiada, mas na verdade foi um presente de despedida da minha mãe antes de fugir para o sul de França com o namorado, depois de o meu pai desaparecer.

Suponho que não seja uma má compensação por ter sido abandonada.

Como todas as outras jovens promissoras que vivem por aqui, tenho dinheiro. Ou melhor, a minha família tem dinheiro. Muito dinheiro. O meu bisavô era o Christopher Collins — mais conhecido como Capitão Collins —, fundador da Collins' Cuts, fornecedora dos produtos de carne processada que se encontram em todos os congeladores e supermercados do país. Animais mortos não são a forma mais glamorosa de fazer dinheiro, mas graças aos perus, vacas e porcos do Reino Unido, a minha família é obscenamente rica. Embora agora só reste a minha mãe e eu.

Portanto, além das redes sociais, não tenho muito que fazer e esse vazio existencial tem-se infiltrado cada vez mais na minha vida, exigindo cada vez mais atenção. Tento preenchê-lo com atividades de pessoas «normais». Duas horas de ioga e uma hora de musculação ou aeróbico com o meu *personal trainer* todos os dias. Viajo e fico em *resorts* exclusivos. Às vezes de graça, se fizer publicidade suficiente nos meus *stories* ou algo do género. Vou a festas e lançamentos, bebo champanhe e vejo os outros a drogarem-se nas casas de banho. Saio das festas com homens cobiçados e faço sexo bêbeda e sem nenhum tipo de sentimento. Publico *stories* a dar dicas de maquilhagem, a experimentar dietas e treinos, a mostrar como puxar as cuecas no ângulo certo para alongar as pernas e realçar o rabo e a elogiar produtos que nunca experimentei. Essa é a minha existência.

E odeio-me por isso.

Mas *odeio-me mesmo*.

Então porque não paro?

Quem sabe? Talvez seja uma combinação de traumas paternais e os picos instantâneos de dopamina que os gostos e os comentários

proporcionam. Nunca fui pessoa de saber esperar pela satisfação. Nem o meu terapeuta, que cobra 250 libras à hora, conseguiu chegar ao fundo da questão.

Passei o último fim de semana em Marbella com a minha amiga Maisie (607 mil seguidores), onde experimentei os novos biquínis que a La Perla me enviou da sua nova coleção. Publiquei as fotos ontem à noite. A minha preferida é uma em que estou de biquíni laranja como o pôr do sol, a olhar para o mar. A cor realça o meu bronzeado, o cabelo tem aquele toque perfeito de praia e a pose faz os meus seios (naturais, obrigada) parecerem tão perfeitos quanto seios que não foram reconstruídos de forma cirúrgica podem ser.

Os seios perfeitos. A vida perfeita. Suponho que essa seja a minha «marca».

Abro o Insta no meu *MacBook* e começo a percorrer os novos comentários, dando um longo gole no café. Mas tem um sabor estranho e errado, que me dá vómitos.

Leite.

Tiro a tampa e olho para dentro do copo de papel. O líquido é espesso e nojento, carregado de gordura e hormonas de vaca. Faço algumas respirações lentas e profundas para resistir à vontade de o atirar contra a parede e estragar a pintura cara da Janine Stone, acabada de fazer no mês passado.

Quando me acalmo, retorno a atenção para o Insta e para os meus seguidores. Eles fazem-me sentir melhor.

«Uau. És tão linda, Kitty. Por dentro e por fora.»

«Vista maravilhosa 😍😉»

«Eres simplemente impresionante.»

«ADORO o biquíni, Kits! Quando chega às lojas?»

«Gostava de ter sido eu a pôr-te o protetor solar nas costas, querida. Lol.»

«Perfeição.»

«Tão linda, querida. Aproveita!»

«Oi, Kitty! Adoraríamos enviar-te o nosso café que auxilia na perda de peso para experimentares. Podes ver as mensagens, por favor? Beijinhos!» *etc*.

Percorro várias páginas de comentários, passando pelos vários «LOL» e pelo *tsunami* de *emojis*, até que vejo algo que me gela até à alma.

«Adorava ver o padrão que farias ao sangrar naquela areia branca. Depois de te cortar a garganta.»

Ele voltou.

Tem um nome diferente desta vez, mas não tenho dúvidas de que é ele. O tarado que passou grande parte do ano passado a mandar-me mensagens. A foto de perfil denuncia-o. A mesma de antes: uma imagem distorcida de um torso feminino nu, com cordas enroladas à volta como se fosse um pedaço de carne. Sem cabeça, sem membros.

Suspiro.

Ser perseguido por alguém é um sinal clássico de que se atingiu o auge do estatuto de influenciadora, mas porque é que não posso ter um perseguidor simpático que me envie coisas? Coisas boas. Porque é que tenho de ficar com um dos tarados que fantasiam em usar o meu sangue como lubrificante enquanto se masturbam?

Fecho o portátil com força e começo a andar de um lado para o outro na cozinha, a pensar se devo ligar à polícia e contar-lhes. Mas da última vez não serviu de nada e não me apetece passar horas numa esquadra decrépita a repetir tudo. Outra vez.

Em vez disso, ligo à minha amiga Tor (850 mil seguidores) a quem recorro em momentos de crise.

— *Brunch*? — pergunto, assim que ela atende. — O Tarado voltou.

— Credo. Está bem. No Bluebird, daqui a uma hora?

3

CAFÉ BLUEBIRD, CHELSEA

— A cena é que acho que lidaste com tudo isto na perfeição da última vez — diz a Tor enquanto bebe a sua (terceira?) mimosa. A voz já está a ficar mais aguda e alta, como acontece sempre que está a caminho da Cidade da Bebedeira. — Não deixes que isto te afete, querida. Não deixes que ele veja que estás com medo.

— *Não* estou com medo — afirmo.

— Mas devias estar — responde, séria. — Ele pode ser perigoso. Devias denunciá-lo.

— Para quê? Vão só dizer-me para o bloquear. Depois ele cria *outra* conta e volta a fazer a mesma coisa. E, sinceramente? Ele deve ser só um homem muito triste, a viver num quarto minúsculo em casa da mãe. Em Croydon.

A Tor encolhe os ombros e ataca os ovos Benedict com uma agressividade surpreendente. O álcool antes do meio-dia e o sentido de justiça claramente abriram-lhe o apetite. Estremeço ao vê-la espetar a faca nos montes amarelos e gelatinosos, rebentando-os e deixando a gema escorrer como pus.

— Lembrei-me agora, tens visto a Dra. Pimple Popper? Nesta temporada ela já espremeu umas coisas inacreditáveis.

A Tor revira os olhos.

— Olha quem vem aí, o Ben. Faço-lhe sinal para vir ter connosco? — Mas já está a acenar antes sequer de eu ter tempo de responder.

— Meninas. — O Ben (3 milhões e 100 mil seguidores) é irmão da nossa amiga Hen.

Sim, Ben e Hen.

Ele desliza para a cadeira ao nosso lado, tal como a gema dos ovos da Tor. Senta-se sem ser convidado. Está convencido de que é um supermodelo só porque conseguiu uma colaboração com uma marca de roupa masculina de segunda categoria. Quer dizer, ele não é *feio*, para quem gosta de rapazes *lindíssimos* que passam o dia a olhar para mulheres e se arranjam mais do que elas. Recentemente, cobriu um braço de tatuagens, o que me faz lembrar uma caneca que vi no Etsy: «Não interessa quantas tatuagens tens, continuas a ser um idiota.» Faz-me arrepiar. Sobretudo porque se usasse uma peruca, ficaria assustadoramente parecido com a Hen.

— Estão muito giras esta manhã.

Fala diretamente para o meu peito e depois solta uma gargalhada estridente, como um burro beto, enquanto olha para nós.

— Vocês as duas não ficam atrás!

A Tor desata a rir, e eu rezo para que seja fingido.

Sorrio, mas o que me apetece fazer é pegar na colher e arrancar-lhe os olhos. Só para os poder esmagar com as costas da colher, como o abacate na minha tosta.

— Coitada da Kits, está a ser perseguida por aquele psicopata outra vez — diz a Tor ao Ben, que não está a ouvir. Está ocupado a espreitar para o decote das empregadas sempre que elas se inclinam sobre as mesas. — Estou a dizer-lhe que deve continuar a fazer a vida normal, para ele perceber que não está a afetá-la.

— Ele *não* está a afetar-me — tento intervir.

— Tens razão — concorda o Ben, recostando-se na cadeira com a arrogância que só um homem branco e rico consegue ter, esticando os braços para o lado. — Espera. O quê?

— O perseguidor da Kitty voltou ao ativo. — A Tor franze a testa. — Sempre foste assim tão irritante?

O Ben acena com a cabeça enquanto agarra num pão do cesto na mesa. Nem lhe vou tocar agora. Não quero imaginar por onde andaram as mãos dele.

— Sim, querida. Por isso é que nenhuma de vocês quer sair comigo. — Ele ri e a Tor revira os olhos outra vez. Se continua assim, ainda fica

com vertigens. — O que tu precisas é de sair à noite e de tirar umas fotografias toda boazona. Mostrar ao maluco que não queres saber. Vai deixá-lo louco — diz, acenando na minha direção.

O Ben parece ter alguma história nefasta sobre o porquê disto funcionar, mas não estou com paciência para o seu tipo particular de misoginia.

— Vamos sair hoje! — propõe a Tor, que arranja qualquer desculpa para uma noitada. Até o facto de eu estar a ser perseguida por um psicopata. — Convidamos a Masie e a Hen também. Não temos uma noitada entre amigas há séculos.

Com «séculos», ela quer dizer há uma semana e meia. Antes de ter ido para Marbella com a Maisie. Está a fazer aquele olhar de cachorrinho. E os olhos dela são tão grandes, castanhos e suplicantes que até eu acho impossível dizer que não.

O Ben estica o braço e pousa-o nas costas da minha cadeira.

— Sabem, eu posso ir convosco e fingir que sou o namorado da Kits. Assustá-lo com a minha masculinidade.

O Ben faz *brushings* profissionais e pinta as pestanas.

— Acho que me safo bem sozinha, obrigada.

E assim, está decidido. Uma noitada entre amigas é «exatamente o que preciso». Isso e umas «fotos toda boazona para o Insta», para mostrar que não me deixo intimidar por joguinhos psicológicos. Não me apetece nada fazer isto, mas as minhas amigas sabem ser persuasivas.

É por isso que nos chamam Influenciadoras.

Na verdade, não sou grande fã de saídas à noite — aliás, detesto-as com toda a frieza do meu coração —, mas já aprendi que são um mal necessário. Além de toda a cena da amizade feminina, a pior parte destas saídas é que acabam sempre por girar à volta de homens. Ou a Maisie está enfiada na casa de banho a chorar por algum idiota que a deixou, ou a Hen e a Tor estão à caça de qualquer um que respire e tenha um pénis. Estas «raparigas» são mulheres instruídas, viajaram pelo mundo, mas basta estarem a um metro de qualquer ser com um cromossoma Y e alguns pelos no peito, e parece que estamos numa despedida de solteira em Magaluf.

Imagino eu.

Mal consigo conter a minha falta de entusiasmo.

4

CALLOOH CALLAY, CHELSEA

Começamos a noite no Callooh Callay, que é um dos poucos sítios onde consigo estar sem querer espetar alguém no olho com um misturador de *cocktails*.

Quando chegamos, já está um pouco movimentado. A maioria das pessoas está lá fora a aproveitar a noite quente de verão. Pedimos *cocktails* e começamos a ver quem está por ali. A Tor faz um breve aceno para um grupo de raparigas — chamamos-lhes «As Figurantes». Não somos propriamente amigas, mas elas parecem estar sempre presentes nas noites em que saímos — e nos nossos comentários. Já as procurei no Insta, como é óbvio, e os números de seguidores delas não são nada de especial. Algumas delas podiam aprender umas coisas se vissem os meus diretos de maquilhagem.

Quando acabamos os nossos *cocktails*, aparece outra rodada. Depois uma ou duas garrafas de *Veuve*, acho que foi a Maisie que as comprou. Mais alguns *cocktails* e alguém — possivelmente eu — sugere uma rodada de *Blow Jobs* porque o álcool traz à tona a minha versão mais básica.

Os acontecimentos ficam um pouco confusos após isso. Tiramos muitas fotografias com as nossas bebidas. Depois seguimos para outro bar onde bebemos ainda mais *cocktails* e parece que apanhámos mais três pessoas — um trio de homens aleatórios que, agora que penso bem, até *podem* ter pagado os *Blow Jobs*. Portanto, é óbvio que acham que vão acabar a noite em grande. Sussurro algo à Tor sobre os despistarmos, mas ela só se ri.

— Porquê, Kits? Eles são divertidos!

Ela *deve* estar bêbeda. Viro-me para a Maisie, mas ela *está* enrolada com um deles. A rir enquanto ele fala, a sorrir com todos os dentes e a fazer grandes gestos com as mãos. Fico confusa. Tinha estado ao lado dele no bar e estava completamente entediada a ouvi-lo falar sobre o trabalho dele «em imobiliário». Referiu-se a si próprio como «empreendedor».

O que toda a gente sabe que é só uma forma de dizer «idiota».

Aborrecida, olho à minha volta à procura da Hen, mas ela não está em lado nenhum. Tenho de aturar o mais barulhento e insistente dos três. Ele está a olhar para mim de forma lasciva, a queixar-se da namorada e a tentar embebedar-me, com bebidas que eu *tenho* despejado na planta ao meu lado. Espero que o álcool não faça mal às plantas. Para ser sincera, não costumo beber muito quando saio à noite. Gosto de manter o controlo. Para não fugir a boca para a verdade e tudo isso. Não quero que nada estrague a vida que construí. Há alguns segredos que nem os meus melhores amigos sabem. Por isso, quando *fico* bêbeda, é porque quero esquecer-me de tudo.

E faço-o sozinha.

Enfim, voltando ao agora e ao porco a suar ao meu lado. Ele tem a mão na minha coxa desde que nos sentámos e, sempre que me afasto, ele aproxima-se mais. Por isso, agora estou encostada ao canto do banco onde estamos, com os braços dele a bloquear qualquer hipótese de fuga. Começo a ficar enjoada e a dor de cabeça voltou. Aquele perseguidor deve estar a incomodar-me mais do que eu pensava. Tento afastar esses sentimentos e dirijo-me para a casa de banho para me recompor.

E ver como está a maquilhagem.

Quando chego, a Hen está em frente ao espelho a reaplicar o iluminador na sua cara perfeita.

— Parece que arranjaste alguém — diz. — Até é bonito.

— Também parece que sofre da Síndrome das Mãos Invasivas. E namora — respondo enquanto ela observa o seu reflexo.

— *Ugh*! Qual é o *problema* deles? — Num gesto de compaixão, ela aperta-me o ombro antes de sair de volta para o bar. Lavo o rosto com água e tento concentrar-me na minha respiração, lutando contra a dor de cabeça e a ansiedade que sinto no corpo todo.

Por volta das 00h30, já não aguento mais. O grupo quer ir para uma discoteca, mas só de pensar nisso fico enjoada — demasiados corpos e pouco desodorizante. De qualquer maneira, preciso de pensar sobre o que fazer em relação ao perseguidor.

Vejo a Tor sentada sozinha numa mesa. Parece ser a única das minhas amigas sóbria o suficiente para conversar.

— Olha, vou para casa — digo, sentando-me à frente dela.

Ela faz beicinho, fingindo ficar triste.

— Oh, vem para a discoteca connosco, Kits. Prometo que vai ser divertido.

Abano a cabeça.

— Só quero a minha cama e uma chávena de chá verde. Mas obrigada por me forçares a sair de casa esta noite. Consegui umas boas fotos para o Insta. — Deslizo o telemóvel na sua direção e ela começa a percorrer as fotografias que publiquei. Uma pose com uma bandeja de *shots*. Um *cocktail* servido numa metade de melancia. As poses típicas do Instagram para mostrar a nossa roupa caríssima.

Credo, pareço tão desesperada.

— Estão incríveis. Ficaste linda. Podes ir embora agora que eu aviso as outras de que já foste. Não queres ter de lidar com uma Maisie bêbeda a tentar convencer-te a ficar. Sabes como ela é persistente.

Dou uma pequena gargalhada. A versão bêbeda da Maisie acha que «não» significa «convence-me».

— Ficas bem sozinha? — pergunta a Tor. — Manda-me mensagem quando chegares a casa, está bem? Só para saber que estás segura.

— Mando — prometo e dou-lhe um abraço antes de pegar na minha mala e me dirigir para a porta, mandando-lhe um beijo enquanto saio.

O meu apartamento fica a uma curta distância a pé de vários dos nossos lugares preferidos, mas, mesmo assim, costumo ir de carro. Sobretudo quando — algures lá fora — alguém quer usar o meu sangue como substituto de lubrificante.

Mas esta noite, preciso do ar fresco — bem, do ar espesso e húmido, mas continua a ser ar — para clarear a minha mente de pensamentos sobre O Tarado e o *stress* geral de passar a noite a ser encurralada e

apalpada por alguém a quem deixei claro que não estava interessada. É por causa disto que não gosto de sair à noite.

Não demora muito até me arrepender de ter decidido andar até casa. Os meus pés doem-me com os saltos e começo a pensar se foram desenhados por homens que queriam fazer com que as mulheres fossem mais fáceis de apanhar.

As ruas estão escuras e assaltantes imaginários estão por todo o lado. Ouço pelo menos dois assobios e cruzo os braços sobre o peito, tentando esconder-me. Tentando passar despercebida. Acelero o passo, o que não é nada fácil com estes saltos. Tento acalmar a respiração, segurando as chaves entre os dedos como se fosse uma soqueira improvisada. Procuro o telemóvel na minha mala, mas não o encontro.

Merda.

Não peguei nele na mesa antes de sair. Devo voltar para o ir buscar?

Agora estou mais perto de casa do que do bar, por isso vou tratar deste problema amanhã.

Mas, merda.

Furiosa comigo própria por ter cometido um erro de principiante, não reparo que há um homem tão perto de mim que está quase dentro da minha pele. Até que ele me agarra o braço. Com força.

O choque faz-me soltar um suspiro e, ao virar-me, vejo o nojento de antes, com uma garrafa de vinho na mão como se fosse uma arma.

Ele está bêbedo.

E irritado.

— Não te despediste nem acabaste a tua bebida — resmunga. — Não foi educado. Considerando que fui eu que a paguei. — Ele estende-me a garrafa. — Vá lá. Bebe agora. Mostra um pouco de gratidão, cabra arrogante.

Solto-me do aperto dele e dou um passo atrás.

— Olha, estou grata por teres pagado uma bebida. Mas isso não significa que te devo alguma coisa em troca. E não é correto estares a seguir-me. Vou para casa. Para de me seguir. — Viro-lhe as costas e continuo a andar, tentando lembrar-me de manter a calma.

— Cabra provocadora — grita atrás de mim. Depois ouço o som de vidro a partir no passeio, e sinto um líquido a espirrar para as minhas

pernas nuas. Volto a virar-me para ele e vejo-o a sorrir. A garrafa partida a centímetros dos meus pés.

— Acabaste de me atirar isso?

Ele avança na minha direção.

— Eu *sei* quem tu és. És a gaja do Instagram. Não admira que tenhas agido como se tivesses uma vara enfiada no cu a noite toda. Achas que és demasiado boa para mim.

Fico firme no meu lugar, apesar de estar bem ciente dos braços grossos e musculosos dele e dos dez centímetros que ele tem a mais em relação a mim. Algo dentro de mim começa a mexer-se, esticando-se depois de um longo sono, afastando o medo com a pata.

O nojento — nem sei o nome dele — aproxima-se de mim. Até estar mesmo em cima de mim. Perto o suficiente para eu sentir o seu bafo de álcool e gengivite. Ele agarra-me os braços, empurrando-me para trás até eu estar encostada ao muro baixo que separa a margem da água lamacenta do rio Tamisa.

— Posso fazer-te o que quiser, aqui e agora. Talvez aprendesses a lição e deixasses de ser uma puta ingrata.

As minhas pernas dobram-se enquanto ele se aproxima ainda mais. Ele tem razão — ele pode fazer-me o que quiser.

Pode violar-me.

Pode estrangular-me.

Pode atirar o meu corpo fraco de mulher para a água e depois vê-lo a ser resgatado nas notícias. Outra mulher morta porque não fez o que um homem quis.

Mas não vou ser eu.

Não esta noite.

Levo o joelho direito até à sua virilha com toda a força que consigo. O que é muita, graças ao ioga e afins. Ele solta um gemido baixo de dor e larga-me, levando as mãos à virilha. Ele vacila, bêbedo e atordoado. Pouso as mãos no peito dele e empurro-o para longe de mim. Com força. O movimento desequilibra-o ainda mais. Ele recua, incapaz de se equilibrar e vira-se, caindo no passeio. As mãos ainda lhe cobrem a virilha enquanto cai de bruços. Nem sequer as estendeu para amortecer a queda. A cara dele vai ficar um desastre.

Ups.

Fico à espera de que ele se levante, preparada.

Mas ele não se levanta.

Dou alguns passos cautelosos na sua direção, à espera de que erga um braço e me agarre o tornozelo.

Mas nada acontece e isto não é um filme de terror.

É pior.

Há um pequeno riacho de um líquido escuro e espesso a escorrer pelo passeio em direção aos meus pés.

Sangue.

Aproximo-me, ainda com medo de que ele se levante de repente.

Um grande pedaço de vidro está atravessado no seu pescoço. Ele caiu mesmo em cima da garrafa de vinho partida. Está cravada numa das grandes veias do pescoço e arrancou-lhe metade da cara.

Ele faz um som gutural tão alto na escuridão que até me assusto.

Depois vem o silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

Onde está toda a gente? Onde estão os festeiros? As pessoas que gostam de sair à noite? As pessoas que me deviam ajudar? As ruas estão escuras e vazias. Estranhamente vazias para uma noite londrina que ainda está a começar.

O sangue continua a jorrar do corpo dele. Flui em direção aos meus sapatos durante um momento, hipnotizando-me.

Depois dou um passo em volta dele e continuo a minha caminhada para casa.

Bem.

Não é como se eu pudesse chamar uma ambulância, pois não?

5

APARTAMENTO DA KITTY, CHELSEA

O som do intercomunicador acorda-me de um sono tão profundo e maravilhoso que quase me esqueço da noite anterior. Enrolo-me no meu robe — um quimono de seda cor de magnólia da Wolf & Badger — e caminho descalça pelo corredor até ao intercomunicador da entrada.

Vejo a Hen, que parece que viu um fantasma, e abro-lhe a porta. É cedo, o meu *smartwatch* diz que são só 8h34. Não é nada normal a Hen estar acordada antes do meio-dia depois de uma saída à noite.

— Que se passa? — pergunto.

— Estou só de passagem. Fui correr — diz ela, enquanto lhe passo um copo de água do purificador embutido. — Ainda bem, porque deixaste *isto* no bar ontem à noite.

Ela tira o meu telemóvel do bolso escondido das *leggings* da *Lululemon*.

Nem me lembrava disso. Com o homem morto e tal.

— Não acredito, obrigada, Hen. Só reparei quando cheguei a casa.

Ela olha para mim, desconfiada.

— Estás bem, Kits? Normalmente, esse telemóvel parece que está colado a ti.

— O quê? Ah. Sim, estou bem. Devia estar mais bêbeda do que pensei!

— Pois, tens de ter mais cuidado — diz ela, depois de beber um grande gole de água. — Podia ter acontecido alguma coisa. Podias ter sido raptada e assassinada. Como é que nos contactavas?

— Se calhar não pelo grupo do Whatsapp, se estivesse morta.

A Hen ri.

— Não me obrigues a ter de te pôr um *microchip*, como a um cão. — Bebe o resto da água. — Hã, devias arranjar um cão. Ou um homem?

— O teu irmão até se ofereceu para ser o meu segurança pessoal — brinco e a Hen faz uma careta.

— Não estava a falar desse tipo de cão. — Ri. — Pronto, tenho de acabar esta corrida antes que fique mais calor. Posso encher a garrafa?

— Claro, à vontade.

— Obrigada, Kits — agradece, já à porta. — Até logo.

Dá-me um beijo na bochecha e acena rapidamente antes de o elevador a engolir.

Brincadeiras com a Hen à parte, não *acredito* que me esqueci do telemóvel. E depois esqueci-me de que o tinha esquecido. Está sem bateria, claro, por isso vou até à sala e ligo-o ao carregador. Enrosco-me num dos sofás — o Jonathan Adler Claridge da Belfast Stone — e espero aqueles segundos até ele voltar à vida.

Abro a aplicação das notícias, mas demoro imenso tempo a encontrar o que procuro. O corpo foi encontrado por um «festeiro» que voltava para casa depois de uma saída à noite. O tal festeiro está a receber apoio psicológico, mas a morte do Matthew Berry-Johnson (trinta e quatro anos, «do ramo imobiliário») não está a ser tratada como suspeita. Um porta-voz da polícia metropolitana disse: «Podemos confirmar que não estamos à procura de ninguém em ligação com a trágica morte do Matthew Berry-Johnson. Será realizada uma autópsia, mas tudo indica que estava bastante embriagado e morreu num infeliz acidente. Pedimos que qualquer testemunha que possa ter visto o Sr. Berry-Johnson na noite passada entre em contacto.»

Uma rápida pesquisa no Facebook — *ugh* — diz-me que deixou para trás uma namorada triste. Chama-se Hayley. Percorro as fotos dela. Muitas saídas à noite com amigos. Muitas férias também. É jovem e bonita. Sem dúvida, vai voltar a apaixonar-se. Que parva. Parece que também têm uma filha. Deve ter uns dois ou três anos. Com bochechas rechonchudas e cabelo louro, sempre a sorrir. Chama-se Lucy. Faço *zoom* em algumas das suas fotografias. Parece tão feliz.

Ainda bem que matei o pai dela.

Agora tem a liberdade para crescer sem ser contaminada pela toxicidade dele. Pode fazer dele quem quiser. Não vai ter de lidar com a verdade.

Que ele era um traidor. Um mentiroso. Perigoso.

Vai viver para sempre perfeito, nas memórias dela.

Gostava de ter essa versão imaculada do meu próprio pai.

Céus, amava tanto o meu pai nessa idade. Ele era o meu herói e eu adorava-o completamente. Ele conhecia toda a gente e sabia tudo. Tinha sempre uma história hilariante para contar ou um facto curioso para partilhar. Sabia, por exemplo, que os porcos têm uma anatomia semelhante à dos humanos. Têm os mesmos órgãos torácicos e abdominais que nós.

Ao contrário das vacas, com os seus quatro estômagos. Aberrações.

Sinceramente, ia passar-se se soubesse que agora andam a transplantar corações e rins de porcos para humanos.

Uma das minhas memórias preferidas do meu pai foi quando eu tinha uns sete ou oito anos. Fiquei triste porque perdi a feira de verão da escola. Sempre adorei ir, porque era uma feira a sério. Com uma roda-gigante, diversões e maçãs caramelizadas. E sem aqueles bolos encharcados numa mesa triste no ginásio.

Tinha estado doente com amigdalite. Mas o meu pai *montou* uma feira no nosso jardim quando melhorei. Com palhaços, trapezistas, tudo. Convidou os meus amigos sem me dizer nada. Até havia uma máquina de algodão-doce. Foi o melhor dia da minha vida. Toda a escola falou sobre isso durante meses. Às vezes, ainda hoje vem à conversa. Antes de alguém se lembrar de que o meu pai agora é um «desaparecido» e o ambiente ficar esquisito. Gostava que não fizessem isso. Às vezes gostava de falar sobre ele. De deitar tudo cá para fora.

Mas, claro, não posso.

Por outro lado, a minha mãe sempre foi distante. Nunca duvidei de que me amasse, e ainda não duvido. Mas passava dias na cama ou desaparecia para retiros durante semanas. A vida parecia cansá-la com facilidade e sofria de enxaquecas horríveis e constantes. Engraçado, esses sintomas desapareceram agora que vive a sua melhor vida na

Riviera Francesa, cheia de dinheiro e com um homem quinze anos mais novo. Mas não lhe posso negar essa felicidade.

Não depois de tudo.

Quando era pequena, implorava para que me levasse com ela nas viagens. Mas ela só me dava um beijo na testa antes de sair de casa, com os óculos gigantes da *Chanel* pousados no nariz.

A dada altura, deixei de pedir.

As coisas mudaram entre mim e o meu pai quando entrei na adolescência. Fui ficando cada vez mais consciente de onde vinha o nosso dinheiro e cada vez mais irritada por não ser algo mais sofisticado.

O pai do Ben e da Hen, o James Pemberton, é uma grande figura da indústria musical. Eles passavam a vida com estrelas *pop* e a ir aos melhores concertos. Eu ia com eles às vezes, mas não era a mesma coisa.

O pai da Maisie foi piloto de Fórmula 1 e ainda está envolvido nisso, mas não sei o que faz. Ou como o faz. Deve ter uns mil anos. A mãe dela era uma modelo famosa nos anos 80, e a Maisie e a sua irmã, Savannah, passaram a adolescência em sítios como o Mónaco, em iates de luxo, rodeadas de supermodelos.

A mãe da Tor adotou-a da Serra Leoa quando ela ainda era bebé. Os seus pais biológicos tinham sido assassinados, e a Sylvie Sunshine-Blake — cantora, atriz ocasional e embaixadora da ONU — levou para casa a linda bebé por quem se tinha apaixonado durante uma visita televisionada a um orfanato.

Essa é a história oficial.

A Tor não está assim tão convencida e acha que a adoção não passou de um golpe de publicidade, imposto a uma Sylvie meio atordoada, porque toda a gente andava a fazer o mesmo na altura. Há inúmeras fotos na Internet de uma Sylvie jovem e com ar de que não faz ideia do que está a acontecer — em parte ativista ambiental, em parte mãe de coração — a posar com a sua nova bebé. E, sendo realista, não pode ser coincidência que a pequena Tor fosse a Criança Mais Bonita do Mundo. Ela pergunta-me muitas vezes como teria sido a vida dela se tivesse nascido, sei lá, com um lábio leporino ou qualquer coisa do género. Mas a Tor dá-se bem com a Sylvie — são mesmo próximas — embora o vínculo não seja *exatamente* maternal. A Sylvie parece mais

uma irmã mais velha, maluca e deslumbrada. E idolatra a Tor. Aliás, todos nós idolatramos. Pronto, o que quero dizer é que tudo isso é muito mais interessante do que carne.

O meu pai tentou entusiasmar-me com a ideia de matar animais, arrastando-me para os seus matadouros e fábricas de processamento de carne, onde mal sabia os nomes das pessoas que trabalhavam para ele. Nada como um dia bem passado com a filha no trabalho.

— É a tua herança, Kits — disse-me ele numa manhã particularmente miserável, depois de vermos dois brutamontes a rir enquanto disparavam uma pistola de dardo cativo contra a cabeça de uma vaca. E nem sequer a mataram. Depois, arrastaram-na para uma coisa a que chamavam Zona de Sangria. Penduraram-na de pernas para o ar e cortaram-lhe a garganta.

Chorei.

O meu pai passou-me o braço pelos ombros e guiou-me para fora da Zona de Sangria.

— Não chores — sussurrou.

Por uma fração de segundo, pensei que ele se preocupava comigo. Ou com a vaca. Mas não. Só não queria que os funcionários vissem a sua filha a chorar por causa de um animal morto. Foi a primeira vez que vi sangue a jorrar de algo que, momentos antes, ainda se mexia e esperneava.

— Chama-se «sangria» — explicou-me ele, enquanto eu vomitava para dentro de um cocho, o cheiro metálico do sangue de vaca tão intenso que parecia que o sentia na boca, além do nariz. É um nome apropriado. Porque ficou cravado em mim.

Desde esse dia, nunca mais comi carne.